

Um olhar sobre o jornalismo móvel: a forma e o estilo do reportágil

A look at the mobile journalism: reflections on the reportágil

Cláudio Cardoso de PAIVA¹
José Cavalcanti Sobrinho NETO²
Raissa Nascimento dos SANTOS³

Resumo

Multimídia, interatividade e atualização são aspectos do webjornalismo que serviram de base para o *Mobile Journalism (mojo)*. Fruto de tal contexto, o reportágil, criado pelo jornalista pernambucano Álvaro Filho, é um *modus operandi* do repórter, que reúne o *know-how* televisivo, online e móvel. Consiste na produção de conteúdo em áudio e vídeo feito totalmente pelo *smartphone*. Captura de imagens, inserção de legendas, edição e publicação são todas feitas por meio do dispositivo móvel. O reportágil transforma-o em uma verdadeira central de produção, ressignificando o conceito de elaboração da notícia e de convergência de mídias. Neste artigo, o debate sobre o jornalismo móvel trará autores como: SILVA (2013); DALMONTE (2009); WARD (2007); e QUINN (2009, 2010).

Palavras-chave

Jornalismo Móvel; Reportágil; Mojo; Webjornalismo; Internet.

Abstract

Multimedia, interactivity and update are aspects of web journalism that served as the basis for Mobile Journalism (mojo). Result of this context, the reportágil, created by journalist Alvaro Pernambuco Filho, is a *modus operandi* of the reporter who gathers the television, online and mobile know-how. Consists in the production of audio and video content made entirely by a smartphone. Capture of images, insertion of subtitles, edition and publishing are all made through the mobile device. The reportágil turns it into a real production center, giving new meaning to the concept of development of news and media convergence. In this article, the debate about mobile journalism will bring authors as: SILVA (2013); Dalmonte (2009); Ward (2007); and Quinn (2009, 2010).

Keywords

Mobile Journalism; Reportágil; Mojo; Webjournalism; Internet.

RECEBIDO EM 25 DE OUTUBRO DE 2015
ACEITO EM 19 DE JANEIRO DE 2016

¹ Jornalista. Doutor em Sciences Sociales - Universite de Paris V (Rene Descartes) (1995). Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1988). Mestrado em Sciences Sociales - Universite de Paris V (Rene Descartes) (1991). Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Contato: claudiopaiva@yahoo.com.br

² Jornalista. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba. Integrante do grupo de pesquisa em Jornalismo e Mobilidade – MOBJOR. Contato: netojcavalcanti@gmail.com

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba e especialista em História e Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Contato: raissa.nascimento.santos@gmail.com

A convergência de mídias é uma característica marcante no espectro da comunicação contemporânea e seus efeitos repercutem nas várias formas do pensamento, linguagem e ação sociais. Uma compreensão das mídias perpassa necessariamente pelo estudo dos meios, mensagens, mediações, e remonta, sobretudo, os instrumentos, equipamentos, ferramentas que comunicam. E aqui já antecipamos uma das frases célebres de McLuhan, que enfatiza a importância dos objetos técnicos nos processos comunicacionais (e jornalísticos): “os homens criam as ferramentas, as ferramentas recriam os homens” (1964).

Logo, há uma história e uma evolução das ferramentas e meios arcaicos (imprensa, rádio, fotografia, cinema, televisão), que não desaparecem, mas não cessam de se transfigurar, no curso da civilização. Aliás, este é o objeto de estudo dos filósofos das técnicas como Simmel, Benjamin, McLuhan, Flusser, Zielinski, entre outros.

Hoje, a fusão das velhas e novas mídias tem gerado possibilidades cognitivas, estéticas, políticas, educativas, jornalísticas.

Desde a invenção de Gutemberg, o jornalismo tem sido favorecido pelas regras da razão tecnológica, o que vai se acirrar na era dos fluxos e das multidões, considerando a dinâmica dos modos de produção, difusão e consumo de informações, de maneira instantânea, veloz, objetiva e racional.

Nas décadas de 1970 e 80 já se falava em convergência tecnológica e midiática, no contexto da microeletrônica, o berço da tecnologia móvel, segundo Silva (2013). Todavia, será no século XXI, o boom das tecnologias móveis e cultura da convergência, resultante da conexão da telemática, microeletrônica e inteligência coletiva, gerando processos interacionais, como já afirmava Jenkins (2009).

Este artigo elege como objeto de estudo os novos modos de trabalhar a notícia no âmbito do jornalismo móvel, seu *know-how* – modo de fazer – e novas práticas profissionais propiciadas pelo avanço das tecnologias digitais: o reportágio. O termo foi criado pelo jornalista pernambucano Álvaro Filho, e designa um processo de produção da

notícia que integra três ambientes de difusão de informação: o televisivo, o online e o móvel. Consiste na produção de conteúdo jornalístico audiovisual feito exclusivamente pelo *smartphone*. Em suma, a captação de imagens e áudio, inserção de legendas, edição e publicação do material passam a ser feitos totalmente por meio de um dispositivo móvel.

O reportátil transforma o *smartphone* em uma genuína central de produção, ressignificando o conceito de convergência tecnológica e jornalística. Álvaro realizou duas coberturas como reportátil, com uso de um *iPhone 5*: a da Copa do Mundo de Futebol da FIFA no Brasil - de 12 a 13 de julho de 2014 - e a da greve da Polícia Militar e Bombeiros do Recife (PE) - 13, 14 e 15 de maio de 2014.

Munido de um tripé, um microfone e o próprio celular da *Apple*, o jornalista Álvaro Filho produziu 17 reportagens em vídeo para a TV Pernambuco e três para a TV Folha (Folha de S.Paulo). Os vídeos tiveram aproximadamente dois minutos de duração; e roupagem típica de uma matéria feita para a televisão, com passagens e sonoras.

Em suma, reuniram aspectos estéticos da TV, duração de conteúdo audiovisual feito para a web e a produção ágil própria do *mobile journalism (mojo)*. É importante destacar o caráter inovador do reportátil no que tange à produção de conteúdo móvel feita pelo jornalismo local – representado pelo repórter Álvaro Filho. A TV Pernambuco foi a primeira emissora a transmitir material jornalístico produzido completamente em um *smartphone* no Estado.

Agregando as facetas das rotinas de trabalhos distintos do universo jornalístico, o reportátil gera não somente uma nova forma de se fazer notícia, mas também a mudança no papel do jornalista na produção e disseminação de informações. Os dispositivos móveis se transformaram em catalisadores do fazer jornalístico, processadores de informação audiovisual do jornalista do século XXI, que “dependendo do modo de usar [...] podem tornar mais claras as nossas ideias acerca da complexidade do mundo em que vivemos” (PAIVA, 2013, p. 32); e o reportátil configura um novo estilo de elevar o potencial de uso dos dispositivos móveis para o ofício jornalístico.

A relevância do tema está, portanto, ligada à transformação do ambiente atual de que o jornalismo faz parte. Por meio do estudo do jornalismo móvel, com um olhar sobre o reportágio, é possível entender e analisar os caminhos traçados a partir do uso e aperfeiçoamento do dispositivo móvel.

Esse campo das tecnologias móveis confirma o que Goggin (2006), chama de “cultura do celular”, que se molda no jornalismo como artifício de produção adequada pela miniaturização e ubiquidade, trazendo potencialidades reconhecidas para o campo (SILVA, 2013).

Para contextualizar a discussão, é importante destacar dados da Anatel (2013) sobre o número de celulares habilitados no Brasil em 2012, em torno de 261,78 milhões, ultrapassando o número da população. Em 1995, por exemplo, existiam apenas 91 milhões de usuários de celular no mundo inteiro (GOGGIN, 2006).

A compreensão da ubiquidade e convergência dos *smartphones* pode ser alcançada de forma mais didática através da reflexão que Paiva (2014) faz, dentro do contexto antropológico das mitologias, sobre a deusa Vênus (Afrodite), que se apresenta numa concha “implicando no acolhimento das substâncias, mensagens e conteúdos distintos que resultam numa formação fenomênica híbrida e complexa” (PAIVA, 2014, p. 70). Assim também funcionariam as novas tecnologias da mobilidade para o jornalismo: receptáculos e difusores de informação.

Algumas questões emergem acerca do impacto do reportágio na *praxis* jornalística do século XXI, ensejando uma reflexão:

Quais os benefícios? Como é a rotinização do trabalho? Quais as novas funções dos repórteres? Estes são alguns questionamentos que têm norteado os rumos da presente investigação.

Desde que o jornalismo começou a se instalar na internet, a produção de conteúdo jornalístico para a web vem buscando novos métodos e linguagens, como observa Dalmonte (2009). Esse modo recente de fazer notícia, ou *know-how* jornalístico, reconfigurou e marcou a indústria da informação no início do século XXI.

Novos conceitos como notícias onipresentes, interatividade, cobertura em tempo real, material multimídia e personalização de

conteúdo começaram a ganhar espaço. Multimídia, interatividade, hipertextualidade, personalização, atualização e memória (base de dados) são as principais características do webjornalismo, segundo Palacios (2002).

Em sua tese de doutorado na UFBA, Mielkniczuk (2003), separa o jornalismo web em três gerações. A primeira apresenta um webjornalismo embasado na migração de conteúdos do jornal impresso para a internet sem um tratamento específico; na segunda geração, que acontece no final da década de 1990, existe uma busca de exploração da linguagem própria do ambiente da grande rede; já a terceira geração traz novos recursos para a prática do jornalismo digital com multimídias e outros elementos audiovisuais para uma nova narrativa. Silva (2013), citando Barbosa (2007) e Schwingel (2005), aponta a existência de uma quarta geração, na qual o jornalismo digital toma as bases de dados como fonte para a narrativa. Existe, no entanto, mais uma geração que, por sua vez, contextualiza melhor o objeto de estudo deste projeto de pesquisa.

O autor também faz referência a Palacios e Cunha (2012), que apresentam uma quinta geração voltada ao jornalismo em plataformas móveis, que se apropria de todas as características evolutivas das anteriores acrescentando a portabilidade, mobilidade de produção e o consumo como novas formas de interagir em termo de interface *touch*, *screen* e por aplicações.

É natural cogitar que as mudanças não param por aí. O jornalismo vem expandindo cada vez mais seus braços para alcançar novas mídias e espaços. Convergência é a palavra de ordem.

Atualmente, não é difícil encontrar um conglomerado de comunicação gerenciando, simultaneamente, jornal impresso, revista, rádio, portal, blogs, emissora de TV, *fanpage* no *Facebook*, contas no *Twitter* e *Instagram* e ainda *Whatsapp* para receber as denúncias, fotos e vídeos do cidadão repórter.

Negroponete (1995) foi um dos primeiros a utilizar o termo ainda na década de 1970, mas “convergência midiática” também aparece nas reflexões de Pool (1983), análogo ao conceito de “convergência de

modos” vinculado à distribuição eletrônica de conteúdos de mídias impressas, rádio e TV.

“A tecnologia eletrônica está trazendo todos os modos de comunicação para dentro de um grande sistema” (POOL, 1983, p.28). Dalmonte (2009, p. 119) analisa que a “internet marca, na verdade, a abertura de novas fronteiras para onde podem ser direcionados inúmeros produtos, inclusive a informação”.

A Internet e o jornalismo digital passaram a ser o centro catalizador desse processo de convergência, “como se observa ao longo do tempo com a internet como plataforma crescendo entre os meios de comunicação para ocupar essa condição matriz para o fluxo de produção entre as multiplataformas” (SILVA, 2013, p. 62).

O jornalismo móvel surgiu nos anos 1990 com a expansão da rede mundial de computadores e a consolidação da micro-eletrônica e telecomunicações (SILVA, 2010). Na década seguinte, o celular, a ferramenta fundamental para o exercício da mobilidade jornalística, ganhou espaço no ambiente de comunicação móvel. Por meio dele e tantos outros novos produtos portáteis, como *iPods, smartphones, tablets*, gravadores digitais e variações de conexões sem fio a produção e disseminação de notícias tomou novos rumos.

Em 2005, surgiu no periódico norte-americano GannettNewspaper um dos termos que caracterizam o jornalismo móvel, o “mojo” – abreviação de “mobile journalism”. A expressão passou a ser utilizada para identificar as atividades de repórteres que trabalhavam com notebooks, câmeras, gravadores digitais e tecnologia 3G para produzir matérias fora da redação e postar diretamente na internet (QUINN, 2010).

Segundo Scolari, Aguado e Feijóo (2012: 32), “jornalismo móvel é uma prática profissional baseada em criar e difundir notícias a partir de uma simples ferramenta portátil”. Outros autores comungam da mesma opinião e ainda enfatizam o caráter de convergência tecnológica que os dispositivos móveis podem assumir:

Definimos jornalismo móvel como o jornalismo baseado no uso de dispositivos portáteis multimídia no contexto móvel com a finalidade de recuperar, apurar, capturar, produzir e/ou editar

tanto quanto para enviar de forma remota sem fio e/ou publicar material jornalístico como texto, fotos, áudio, vídeo ou o misto destes recursos. Idealmente todas essas atividades podem ser realizadas com um único aparelho. (VÄÄTÄJÄ; MÄNNISTÖ; VAINIO e JOKELA, 2009, p.179).

Existem muitos termos conferidos ao *mojo*, como “jornalismo 3G” (AZAMBUJA, 2009, 2010) e “Jornalismo de bolso” (BRAGINSKI, 2004). Neste artigo é apresentada mais uma nomenclatura: o reportátil, que consiste na produção de conteúdo jornalístico audiovisual feita estritamente através de um *smartphone*. Captação de imagens e áudio, inserção de legendas e infográficos, edição e publicação. Tudo produzido por meio do *gadget*. O reportátil transforma o *smartphone* em uma verdadeira central de produção. Álvaro Filho cobriu dois grandes eventos com uso do *smartphone*: a da Copa do Mundo de Futebol da Fifa no Brasil (13 de junho a 12 de julho de 2014), pela TV Pernambuco, e a da greve da Polícia Militar e Bombeiros do Recife (13 a 14 de maio 2014), pela Folha de S.Paulo.

Equipado com um tripé, um microfone *iRig* e um *iPhone 5*, o jornalista produziu 20 reportagens em vídeo sobre os dois acontecimentos, sendo 17 para a Copa e 3 para a greve da PM. Os vídeos tiveram, no máximo, dois minutos de duração e a roupagem típica de uma matéria feita para a televisão. Vale destacar o pioneirismo do reportátil, principalmente como novo formato do jornalismo móvel desenvolvido em âmbito local por um profissional pernambucano produzindo notícias para veículos de projeção local (TV Pernambuco) e nacional (TV Folha). Durante a Copa, Álvaro Filho passou 40 dias sem pisar numa redação ou usar um computador para editar ou divulgar o conteúdo totalmente concebido no *smartphone*.

Há um fato interessante sobre a cobertura reportátil da Copa do Mundo de Futebol 2014 no Brasil, produzida para a TV Pernambuco. No ato do credenciamento, o jornalista enfrentou uma pequena indecisão da organização desportiva para qualificá-lo dentro dos parâmetros de organização estabelecidos para a imprensa no evento. O fato é que não sabiam se o credenciavam como repórter de TV ou de jornal impresso. Qual seria a melhor categoria para encaixar um profissional que faria a

cobertura de um dos maiores eventos esportivos do planeta apenas com um *smartphone*, um tripé e um microfone? Por fim, definiram-no como repórter de impresso. O grande problema foram as limitações geradas. O reportátil tem uma matéria-prima indispensável: a imagem. Com a credencial disponibilizada, a gravação de entrevistas com jogadores na zona mista, assim como a captura de imagens dentro dos estádios foi vetada. Estas são concessões feitas apenas aos repórteres televisivos.

Não há como culpar a FIFA pelo episódio. O fato apenas reforça a relevância da análise desse novo formato que pode, no futuro, invadir as redações do país e do mundo.

***Smartphones*, centrais de produção de notícias**

É fato que o reportátil gera uma série de limitações devido à reduzida capacidade de armazenamento do dispositivo móvel e a necessidade de internet rápida e acessível para *upload* dos vídeos. A reportagem com o celular não abre espaço para o armazenamento de material audiovisual em excesso. Quando falamos sobre *smartphones*, estamos tratando de dispositivos feitos para funções básicas: acessar a internet, utilizar aplicativos diversos, capturar imagens e compartilhá-las na web. O *smartphone* não é um armazenador. Ou seja, quanto mais curtos forem os vídeos, quanto mais ágil e sintetizador for o repórter, melhor será o produto final. É preciso desenvolver o desapego ao próprio material concebido. Pouco ou nada do material bruto fica no *smartphone*. Tudo é feito para ser “upado” na grande rede. O celular se transforma em um catalizador do fazer jornalístico, um processador de informação audiovisual, ou melhor, o novo canivete suíço do jornalista do século XXI; e o reportátil figura como um jeito novo de elevar ainda mais o potencial de uso dos dispositivos móveis para o ofício jornalístico. Estudá-lo é relevante para compreender a que caminhos a convergência tecnológica levará o Jornalismo no futuro.

Quinn (2010) define o *mobile journalism* – no qual se insere o reportátil – através da abordagem do celular como ferramenta central para coleta e disseminação da notícia, que pode ser composta de texto, áudio, fotos ou vídeo ou todos juntos. A série de vídeos produzidos via

reportágil durante as duas coberturas pode indicar que o *smartphone*, sozinho, tem a capacidade de assumir a função de central de produção jornalística.

Segundo SILVA (2013), o celular contempla em um único meio as duas vias de recepção e produção. Para o autor, isso favorece o fluxo de trabalho no jornalismo móvel. Goggin (2006) endossa o argumento quando pontua que o celular é um dispositivo híbrido com múltiplas possibilidades:

Os telefones móveis tornaram-se dispositivos híbridos que se articulam com outras novas tecnologias tais como câmeras digitais, PDAs ou tecnologias de localização. A terceira geração (3G) e a quarta geração (4G) de telefones celulares prometem finalmente a comunicações de vídeo ubíqua e pessoal. (GOGGIN, 2006, p.2).

O *smartphone* possibilita ao profissional contemporâneo relatar e publicar informação através de conteúdo audiovisual e texto. É cada vez mais forte a estreita relação entre o jornalista e a internet, como observa Bertell (2010: 104):

Com o aperfeiçoamento e ampliação da cobertura das redes, o celular facilita a produção de reportagem em áudio, vídeo e texto diretamente do local de uma matéria factual. Portanto, embarcado num único dispositivo digital, os jornalistas têm atualmente todas as condições necessárias para relatar ou publicar no ambiente multimídia a partir de muitos lugares do mundo (BERTELL, 2010, p. 104).

"Associamos 'leveza' ou 'ausência de peso' à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leve viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos", diz Bauman (2001, p.8). Castells (2006, p.127) também pensam assim no aspecto de leveza e da liberdade oferecidas: "Os dispositivos móveis são pessoais, portáteis e pode-se andar com eles." Fica claro, portanto, o processo de convergência dos dispositivos móveis digitais transformando celulares e smartphones em dispositivos para produção da notícia em um contexto móvel

resignificado, no que diz respeito à fluidez e repercussão sobre outros planos da vida social (SILVA, 2013, p. 180).

Para Ward (2007), não é somente o conceito de digital que tem provocado a revolução digital, mas o avanço na capacidade de utilizá-lo de forma eficiente. A tecnologia reduziu microprocessadores e agora é possível acessar de forma onipresente e digitalizar informações em casa, no carro e no bolso. Desde então, repórteres sempre se apropriaram de dispositivos que lhes permitissem agilidade no deslocamento e rapidez no processamento e envio da informação. O dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2001) define dispositivo como aquilo que dispõe, que prescreve e ordena. São mecanismos dispostos e ordenados para a obtenção de algum fim. Mouillaud (2000: 30) vai além e afirma: “o disposto prepara para o sentido [...]”. O autor também enfatiza a importância dos *devices* quando afirma que “não são apenas aparelhos tecnológicos de natureza material. O dispositivo não é o suporte inerte do enunciado, mas um local onde o enunciado toma forma” (MOUILLAUD, 2002, p. 85)

O novo cenário promovido pelas tecnologias móveis mudou a organização da produção da notícia e catalisou novos meios de emitir e receber conteúdo noticioso, segundo a teoria do “Mobile Newsmaking”, de Fosberg (2001). Essas rotinas são definidas como um processo padronizado de atividades repetidas que dizem respeito à prática jornalística nas redações configurando as funções exercidas do trabalho, ou seja, são o *modus operandi* do jornalista. Investigar o *know-how* do reportágio, portanto, é um dos objetivos do trabalho. A definição de ubiquidade de Weiser (1991), por exemplo, é bastante pertinente, pois aponta para a natureza convergente dos novos dispositivos móveis. Os novos aparelhos reúnem tantas funcionalidades que a impressão é a de que as tecnologias desaparecem neles, tornando-se invisíveis devido ao grau de penetrabilidade (SILVA, 2013). A comunicação móvel se apresenta como um desdobramento dessa ubiquidade com tantas novas práticas associadas a ela (KATZ, 2008). Outro trunfo do *smartphone* como centro de processamento de informação e catalizador da rotina de produção jornalística é sua discrição, principalmente no tange à apuração.

O fato é que um aparelho que cabe no bolso causa menos impacto do que uma câmara para gravações externa de TV. "O celular age de maneira menos feroz e, dado o seu uso cotidiano, não se torna tão intrusivo em alguns momentos" (PASE, 2010, p.42).

Thiery (2012), Berthell (2010), Goggin (2006) reforçam a discussão sobre a natureza multifuncional, híbrida e facilitadora dos dispositivos portáteis no ambiente jornalístico. "Os 'Mojos' têm no smartphone a sua principal ferramenta" (THIERY, 2012, p.6). Para Silva N.R (2012, p.1), "mais do que ferramentas para apuração e registro de fatos, o uso desses aparatos revela uma verdadeira metamorfose em um fazer jornalístico secular e com códigos e normas de ação 'sacralizados'". Outro conceito importante que será absorvido pela pesquisa é o de "modernidade líquida" (BAUMAN, 2001) que ilustra metaforicamente o "estado da mobilidade enquanto uma forma em processo, em movimento, assim como a sociedade líquida [...] as imagens e objetos fluem, mobilizam-se por redes móveis através dos mais variados artefatos de computação (em nuvem, móvel, portátil)" (SILVA, 2013, p. 137). O próprio Bauman (2001: 8) explica bem a metáfora: "os líquidos, diferentemente dos sólidos, não mantêm sua forma com facilidade".

Mas, como relacionar todos os agentes da rotina de produção do jornalismo móvel? Silva (2013, p. 130) apresenta um "ecossistema de retroalimentação" que funciona entre três esferas: "[...] o 'repórter', condutor do processo jornalístico [...], 'tecnologia/artefato', estrutura técnica de ferramentas [...] para operação de todo o fluxo informacional; 'mobilidade física e virtual', agrega-se a dimensão tecnológica e operacional [...]". Fica evidente que o reportágil traz inúmeras possibilidades ao universo da produção de informação. Devido à mobilidade e constante movimento, acaba por reposicionar a centralidade da redação como é concebida originalmente e ressignificar as práticas jornalísticas do século XXI, apropriando-se de dispositivos móveis como ferramenta majoritária na produção de conteúdo informacional.

Tecnologias, jornalismo móvel e noticiabilidade

Com uma gama cada vez mais de novos dispositivos e tecnologias, os critérios de noticiabilidade foram adaptados ao novo contexto das

rotinas de produção de conteúdo. Borges (2009) afirma que quando o paradigma da velocidade é radicalizado pela capacidade expandida de difusão da informação há a flexibilização das linhas editoriais. Em tempos de instantaneidade, o jornalismo nutre um vício, um fetiche pela velocidade, segundo Moretzsohn (2002). Devido à escassez de tempo para a construção e checagem da informação, o que vale mais é falar primeiro, mesmo correndo o risco de não falar a verdade, completa o autor. Naturalmente, o reportágil imerge nessa questão da instantaneidade da divulgação da informação. Pelo fato de conceber a notícia exclusivamente através de um dispositivo móvel, o jornalista precisa ser essencialmente sintético e ágil na coleta de material bruto e, principalmente no processamento desses dados. Um smartphone, por mais potente que seja e por maior que seja sua capacidade de armazenamento, não é um receptáculo, ou seja, não é um acumulador de fotos, vídeos, áudios e textos. Todo o material jornalístico registrado e processado nele precisa seguir um fluxo de trabalho prático e simples: registrar, editar, fazer *upload* na internet e apagar os arquivos antigos para dar espaço aos novos.

Muito desse valor acentuado conferido à velocidade na divulgação da notícia advém do novo contexto gerado pela internet, mais especificamente pelo webjornalismo. As novas tecnologias traçaram rotas de convergência que as aproximaram demasiadamente a ponto de desaparecerem umas nas outras, como explica o conceito de ubiquidade tecnológica. A relação emissor-receptor, tratada por Charadeau (2006), cujo sentido depende do grau de intencionalidade entre ambos, mudou. A partir do novo contexto cibernético, o receptor passa a interagir mais e a participar efetivamente da própria produção de conteúdo. Essa interatividade compõe a lista de características da web criada por Pinto (2003) ao lado de hipertextualidade e atualização.

A noção de tempo passa a ser compreendida de outra maneira. O discurso jornalístico passa a existir, então, em um presente contínuo. Esse novo ambiente transforma sensivelmente os critérios que fazem um fato convergir em notícia.

Além do tempo e velocidade, o valor da notícia passa a ser regido pela imagem. Marcondes Filho (2002) diz que ela foi elevada a modelo estético. Na hierarquia da comunicação, segundo o autor, primeiro vem uma imagem espetacular, depois o texto, a narrativa. Gomes (2011) vai mais longe e acrescenta que a qualidade visual não é o foco, mas sim a autenticidade e veracidade que aplica à narração jornalística. O autor faz referência às imagens gravadas via celular que telespectadores enviam às emissoras de TV, por exemplo. A sociedade, então, passa a pautar ainda mais diretamente o noticiário.

No caso do reportágil, a maquiagem televisiva se esvai quando atentamos para o tom que o repórter confere à condução da matéria. É informal, descontraído e não existe a preocupação em alcançar a qualidade estética da TV, segundo o próprio Álvaro Filho. O jornalista afirma, inclusive, que tenta deixar o mais claro possível que a cobertura é feita através de um *smartphone*. Para ele, o reportágil não é TV, ainda que tenha sido integrado à grade de programação da TV Pernambuco.

Considerações finais

Os *gadgets* já não causam tanto vislumbre quanto antigamente. São figuras comuns no cotidiano de pessoas do mundo inteiro. A sociedade consome informação e entretenimento nos *smartphones*, *tablets* e afins da mesma forma que estes consomem muito do tempo e atenção de que dispomos. Muito mais do que um meio de divertimento e acesso ao conhecimento, os dispositivos móveis convergiram em ferramentas de trabalho e catalizadores de processos.

O jornalismo foi um dos nichos mais receptivos às novas tecnologias *mobile*. Não é de se admirar que um universo dominado pelo culto à instantaneidade e velocidade no contato com a informação aderisse tão rápido ao uso do *smartphone* nas rotinas de trabalho que o caracterizam. O *mobile journalism (mojo)* vem ganhando cada vez mais adeptos no meio jornalístico. Os *smartphones* alcançaram tamanha robustez tecnológica que podem, sim, assumir o papel de centrais de produção de notícia. Baseado nessa premissa, o reportágil surge como uma modalidade – dentre tantas outras – que se apropria do dispositivo

móvel para ressignificar e estabelecer um novo *modus operandi* para a construção de conteúdo.

Há uma verdadeira transformação nos padrões já bem estabelecidos nas tradicionais redações de jornais do país. Através de um aparelho que cabe dentro do bolso, é possível registrar, editar, disponibilizar e acessar o produto final dentro da grande rede. Quais os limites e para onde o mojo levará a prática jornalística é difícil definir agora. Mas, o reportátil e todas as outras formas de se fazer jornalismo em mobilidade física e virtual apontam para horizontes promissores e revolucionários no campo jornalístico.

Álvaro Filho, criador do termo, durante uma entrevista para embasamento deste artigo, relatou que muitos colegas de profissão enxergam o reportátil como uma ameaça ao trabalho de editores, cinegrafistas e repórteres nos veículos de comunicação. Existe uma falsa ideia de que, por gerar menos gastos e acelerar o ritmo de produção da notícia, o reportátil alimenta o abuso dos meios de comunicação em relação a seus funcionários e rouba empregos. Essa visão não leva em consideração que o jornalismo móvel tem como objetivo crescer. Segundo Filho, a modalidade não é a evolução da TV, muito menos do jornalismo online. É, na verdade, um novo modo de processar a disseminar a notícia. Essa reflexão vai ao encontro do conceito de remediação proposto por Barbosa (2007). Segundo o autor, as inovações trazidas pelas novas mídias melhoram seus predecessores, ou seja, nenhum processo é suplantado, mas expandido.

É fato que o trabalho com dispositivos móveis gera uma série de limitações devido à pouca capacidade de armazenamento e a necessidade de internet rápida acessível para upload dos vídeos, para citar somente duas. Qual trabalho baseado no uso de um aparelho, máquina ou sistema tecnológico não convive com riscos e limites? Eles existem, mas são ínfimos se comparados às possibilidades disponíveis.

A reportagem com o celular também não abre espaço para o armazenamento de material audiovisual em excesso. Quando falamos de *smartphones*, estamos tratando de dispositivos feitos para funções básicas: acessar a internet, utilizar aplicativos diversos, capturar imagens

e compartilhá-las na *web*. O *smartphone* não é um armazenador, é um catalizador. É preciso desenvolver o desapego ao próprio material concebido. Pouco ou nada do material bruto fica no dispositivo. Tudo é feito para ser “upado” na grande rede.

O reportágil figura, portanto, como um jeito novo de elevar ainda mais o potencial de uso dos dispositivos móveis para o ofício jornalístico. Voltar os olhares científicos à nova modalidade e, principalmente, ao jornalismo móvel como um todo, é imprescindível para compreendermos a que caminhos a convergência tecnológica levará o jornalismo, o ofício de contar histórias, no futuro.

O jornalista reportágil terá que se desprender de boa parte dos conceitos e preceitos a respeito da profissão que trouxe da academia ou da vivência diária em campo. A inserção do jornalismo móvel é crescente e avança no mesmo ritmo alucinante em que se dissemina informação pelas redes wi-fi. O reportágil surge para transformar não somente as práticas, as rotinas, as ferramentas, os espaços, as linguagens e a relação entre emissor e receptor de conteúdo.

Essencialmente e mais profundamente, a modalidade implicará na evolução e conversão do profissional, do jornalista. Desde o pesquisador até o repórter de plantão num jornal de bairro com baixo orçamento. Quem muda é a fonte, o produtor de informação, o verdadeiro estuário de ideias sem o qual o *smartphone*, a câmera de TV, a máquina de impressão e o gravador não seriam nada além de ferramentas limitadas. Carregadas de potencial, mas limitadas. O real valor dos avanços nos trabalhos de pesquisa acerca do jornalismo móvel está nos direcionamentos das principais mudanças que aplica à verdadeira central de produção de notícia: o ser humano, o profissional, o jornalista, que sai de uma zona de conforto embasada por séculos de convenções jornalísticas para se adaptar a uma tela sensível ao toque de cinco polegadas de altura por duas de largura.



Referências

- ANATEL. **Brasil fecha novembro com 236 milhões de acessos móveis**. Disponível em: <<http://bit.ly/1k3bVpQ>>. Acesso em: 14 set. 2014.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. (Coleção Pesquisa Qualitativa). Porto Alegre: Artmed, 2009.
- AZAMBUJA, Grace Kelly Bender. **As tecnologias móveis de comunicação e as apropriações pelos "Repórteres de Ocasão": novas dinâmicas emergentes nos espaços públicos**. In: VII SBPJor (CD-ROOM). São Paulo-SP/Brasil, novembro de 2009.
- BARBOSA, M. **Meios de Comunicação e história: um universo de possíveis**. In: A.P.G. RIBEIRO; L.M.A. FERREIRA. (org). *Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro, Mauad X, p. 15-35.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. Domingos (et al., 2008, p.225)
- BETHELL, Paul. **Journalism student's experience of mobile phone technology: implications for journalism education**. Asia Pacific Media Educaton, issue No.20, December 2010.
- BOCZKOWSKI, Pablo. **Digitizing The News. Innovation in Online Newspapers**. Cambridge: The MIT University Press, 2004.
- BORGES, J. **Webjornalismo: política e jornalismo em tempo real**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989
- BRAGINSKI, Ricardo. **Celulares, los suportes del periodismo digital móvil**. In: "Periodistas online". Buenos Aires, Argentina, junho-julho 2004. Disponível em: <<http://bit.ly/1z8urHg>>. Acesso em: 14 set. 2014.
- CASTELLS, Manuel; ARDEVOL, Mireia Fernández; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Comunicación móvil y sociedad**. Barcelona: Ariel e Fundação Telefônica, 2006.
- CHARAUDEAU, P. 2006. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 285p.
- DALMONTE, Edson Fernando (2009). **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- DOMINGO, David.; et al. **Métodos y técnicas de investigación para el estudio de la profesión y las rutinas productivas en ciberperiodismo**. In: NOCÍ, Javier Díaz; PALACIOS,

- Marcos (orgs.). Metodología para o estudo dos cibermedios: estado da arte & perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FORSBERG, Kerstin. **Mobile newsmaking**. Paper in informatics, paper 9, dez. 2001
- GOGGIN, Gerard. **Cell Phone Culture— mobile technology in everyday life**. New York: Routledge, 2006.
- GOMES, Itania Maria Mota Gomes (org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.
- GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2001.
- KATZ, James E. **Handbook of mobile communication studies**. Cambridge-London: MIT Press, 2008.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**, 2ª edição. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.
- MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. (Tese de Doutorado). FACOM/UFBA, Salvador, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1992.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em tempo real – o fetiche da velocidade**. Rio de Janeiro: Revan, 2002
- MOUILLAUD, M. **A crítica do acontecimento ou o fato em questão**. In: M. MOUILLAUD; S. D. PORTO (org.) *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, p. 49-84
- NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Hermes no ciberespaço: uma interpretação da comunicação e cultura na era digital**. João Pessoa. Editora UFPB, 2013.
- PALACIOS, Marcos. et al. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo brasileiro**. 2002. Disponível em: <<http://bit.ly/1qjSZ6J>>. Acesso em: 10 ago. 2014.
- PALACIOS, Marcos. **Os Blogs e o alargamento do campo jornalístico, trabalho apresentado no Seminário Cultura e Pensamento**

- (MINC/MEC)**. Recife, fevereiro, 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/1rm3Mmk>>. Acesso em: 09 set. 2014.
- PASE, A. F. **Locast e o Potencial da Informação Geolocalizada** em PELLANDA, Eduardo. (Org.). **Locast Civic Media: Internet móvel, cidadania e informação hiperlocal**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010
- PATERSON, Chris. DOMINGO, David (orgs.). **Making Online News - the ethnography of new media production**. New York: Peter Lang, 2008.
- PAVLIK, John V. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.
- POOL, Ithiel de Sola. **Technologies of freedom**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1983.
- QUINN, Stephen. **Mojo - mobile journalism in the Asian Region**. Singapura: KonradAndenauerStifung, 2009.
- QUINN, Stephen. **Mobile journalism (mojo) and journalism education**. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/DZqPK>>. Acesso em: 13 ago. 2014.
- SCOLARI, C., AGUADO, J.M. y Feijóo, C. (2012) **"Mobile Media: Towards a Definition and Taxonomy of Contents and Applications"**. *International Journal of Interactive Mobile Technologies*, (6) 2, 193-220.
- SILVA, Fernando Firmino. **Jornalismo Móvel Digital: uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. Salvador, 2014.
- SILVA, Fernando Firmino. **Jornalismo e tecnologias portáteis na cultura da mobilidade: tipologias para pensar o cenário**. In: SCHWINGEL, Carla; ZANOTTI, Carlos A.i. (Org.). **Produção e Colaboração no Jornalismo Digital**. 1aed. Florianópolis: Editora Insular, 2010, v. 1, p. 149-166.
- SILVA, Naiana Rodrigues. **O homem atrás da máquina: um estudo de caso sobre a reconstrução da identidade do jornalista de impresso diante do uso das novas mídias**. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC: Fortaleza, 2011
- THIERY, Lucie. **Les Mojos encouragent-ils l'émergence d'une nouvelle forme de journalisme?**, 2012. Disponível em: <<http://bit.ly/1mmCdZp>>. Acesso em: 20 ago. 2014.
- URRY, John. **Mobilities**. Cambridge: Polity: 2007.
- VÄÄTÄJÄ, Helo; MÄNNISTÖ, Anssi; VAINIO, Teija; JOKELA, Tero. **Understanding user experience to support learning for mobile**

journalist's work. IN: GUY, Retta. The evolution of mobile teaching and learning. Santa Rosa-Califórnia: InformationScience Press, 2009.

VIZEU, Alfredo. **O jornalismo e as "teorias intermediárias"**. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte. Mídia, Ética e Sociedade - Intercom 2003. São Paulo: Intercom, 2003. p. 56-56.

WARD, Mike. **Jornalismo online.** São Paulo: Rocca, 2006.

WEISER, M. **The computer for the 21st century.** In Scientific American, January, 1991.

